

DESINFORMAÇÃO E PANDEMIA: OS ATAQUES VIRTUAIS À ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS)

Cristiano Torres do Amaral
contato@professorcristiano.com

Resumo: apresentamos um breve relato sobre o papel da Organização Mundial da Saúde (OMS) no enfrentamento da pandemia do COVID-19, bem como as suas dificuldades para publicação diária de recomendações técnicas e protocolos para tratamento da doença em nível global. Nessa discussão são feitos apontamentos sobre os recentes ataques virtuais que a instituição está sofrendo nas mídias sociais e os motivos que alimentam as *fakenews* sobre o assunto. A análise foi obtida por meio de levantamento de informações publicadas pela OMS e na mídia eletrônica em 2020.

Palavras-chave: políticas sociais; segurança em saúde; saúde pública.

Introdução

O mundo está enfrentando um dos maiores desafios dos últimos anos, exigindo ações coordenadas e colaborativas das autoridades para superar a disseminação do COVI-19. A Organização Mundial da Saúde (OMS) é o organismo internacional responsável por orientar e recomendar as boas práticas de enfrentamento. Trata-se de uma instituição que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, de maneira a estabelecer padrões mínimos de saúde pública, preservando a vida e buscando soluções para garantir a erradicação de doenças (OMSa, 2020). Contudo, durante a pandemia do Corona Vírus ela está sendo questionada publicamente sobre as suas recomendações (PRAÇA, 2020). Desinformação e pandemia sanitária são duas pragas que precisam ser combatidas, de maneira a evitar que muitas vidas sejam perdidas em função de ações que negligenciadas e/ou realizadas de maneira equivocada.

A OMS e o Combate as Doenças

A OMS tem contribuído de maneira relevante em diferentes momentos da história moderna, com destaque para projetos de erradicação de doenças e controle de epidemias. A contenção do

surto do vírus Ebola (2013-2016), na África Ocidental, foi um fato recente e que precisa ser lembrado nos dias atuais. Naquela ocasião, Guiné, Libéria e Serra Leoa foram os países mais afetados pela doença, com mais de 11 mil mortes (ONU, 2020).

Durante o surto de Ebola, a OMS organizou e coordenou equipes médicas que atuaram no controle da doença, a qual notificou mais de 28 mil pessoas infectadas. Em 2014, o governo cubano enviou mais 165 profissionais para apoiar a OMS com médicos, enfermeiros, especialistas em controle de infecções, especialistas em cuidados intensivos e agentes de mobilização social para atuarem em Serra Leoa. A atuação da OMS na África Ocidental resultou em 17 mil sobreviventes e, em 2019, no desenvolvimento da vacina rVSV-ZEBOV (ONU, 2020).

Enfrentar uma epidemia e, simultaneamente, desenvolver uma vacina não é uma tarefa simples. Por exemplo, o Brasil contabiliza, todos os anos, milhares de vítimas dos vírus Chikungunya, Dengue, Zika. O desenvolvimento de uma vacina envolve muito investimento em ciência, tecnologia e inovação. Tudo começa com estudos que possibilitam conhecer o inimigo, isto é, o vírus.

Existem diversos estudos sobre os vírus Chikungunya, Dengue, Zika e, mesmo assim, não são suficientes para subsidiar a produção de uma vacina. Todos os anos artigos, dissertações e teses são defendidas sobre essas doenças, descrevendo sintomas, remédios mais eficientes, mas sem sucesso para produção de uma vacina. Logo, qual é a estratégia mais eficaz para erradicação dessas doenças atualmente? Combater o vetor de transmissão, isto é, o mosquito *Aedes Aegypti*. Sem o mosquito, não há doença. Por isso, todos os anos a OMS destaca a necessidade de investimento em saneamento básico e tratamento de resíduos (OPHAS, 2020).

O COVID-19

O que conhecemos sobre a doença do COVID-19? Muito pouco! Isso mesmo, não há evidências suficientes, sequer, para definição de um protocolo seguro para diagnóstico e tratamento da doença. Sabe-se que surgiu na China no final de 2019 e a sua transmissão ocorre pelas vias respiratórias. A letalidade e o desenvolvimento dos sintomas ainda estão sendo estudados pela comunidade científica.

Atualmente, o protocolo de tratamento da doença é orientado para atenuar os sintomas, fortalecendo o organismo para que ele

mesmo promova o combate ao vírus. Não há um antiviral milagroso que possa expurgar o patógeno instantaneamente da pessoa doente. Os testes em laboratório (*in-vitro*) e clínicos estão mobilizando médicos de todo o mundo para encontrar remédios que sejam eficientes no tratamento e uma vacina.

Não há estudos suficientes sobre o COVID-19, por exemplo, para saber qual é o percentual de pessoas assintomáticas que podem transmitir o vírus. Mas porque não há estudos suficientes? Isso ocorre porque é uma doença nova. O vírus já era conhecido na comunidade científica, contudo, os efeitos dele no organismo humano não haviam sido registrados na literatura médica. O tempo de disseminação entre o paciente zero, na cidade de Wuhan-China, e a sua propagação entre outras pessoas no mundo foi muito curto. Não houve tempo hábil para confecção de trabalhos que possibilitassem descrever o comportamento do vírus nas pessoas com precisão. As equipes médicas revejavam-se entre plantões intermináveis para tentar salvar vidas nos hospitais. A documentação desses procedimentos, prontuários e apuração dos dados epidemiológicos ainda estão em processamento. Esse levantamento está sendo realizado em diferentes países, simultaneamente, e é coordenado pela OMS (OMS, 2020).

Os testes, ensaios clínicos e outros protocolos desenvolvidos pelos países que estão enfrentando a pandemia são publicados diariamente nos periódicos científicos. Em alguns casos sem os rituais metodológicos rigorosos de revisão por pares, uma vez que o enfrentamento da pandemia exige respostas rápidas (IBB, 2020). A avaliação e revisão é feita publicamente, com trabalhos disponibilizados com o selo “Em Revisão”.

A divulgação de trabalhos em andamento e/ou com resultados em revisão contribuem para o debate científico durante a crise. É possível comparar experimentos que estão em andamento em diferentes partes do mundo. Esse procedimento ajuda a comunidade científica discutir caminhos que podem encurtar pandemia e salvar muitas vidas.

Desinformação

A OMS perdeu a credibilidade? Não! A comunidade científica não conhece a resposta imunológica do ser humano ao vírus responsável pela COVID-19 e por isso as informações são atualizadas diariamente nos boletins. As recomendações do início da epidemia serão diferentes daquelas que são publicadas atualmente. Também não restam dúvidas que serão diferentes

quando a pandemia terminar. A ciência está trabalhando para conhecer o vírus e, ao mesmo tempo, encontrar um tratamento que possa garantir segurança e cura para os doentes. Contudo, Sun Tzu (544-496 a. C.) alerta-nos sobre o risco de negar tais informações:

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas. Sun Tzu (544-496 a. C.)

A informação é um recurso fundamental para vencer a pandemia. Ignorar a ciência e suas recomendações poderá resultar em muitas vidas perdidas. Mas o que tem levado a população deixar de acreditar na OMS? A desinformação. Os telejornais e mídias sociais publicam diariamente os boletins com as recomendações sanitárias para enfrentamento da pandemia, com o objetivo de informar a população. Contudo, existem grupos políticos e econômicos que colocam seus interesses individuais acima da segurança em saúde da população. Esses grupos, seja no Brasil ou no exterior, tem por objetivo criar um ambiente de instabilidade e descrédito da OMS para conduzir a população de acordo com as suas motivações políticas e econômicas [8].

As milícias digitais de desinformação apropriam-se de textos, imagens e/ou vídeos da OMS para editarem suas versões distorcidas da realidade. A ação sistemática de publicações contraditórias nas mídias sociais gera uma confusão intencional no público de seguidores. Esse público repercute a desinformação em seu círculo social e familiar, criando debates que alimentam dúvidas e criam uma realidade ficcional da pandemia. Nos casos mais extremos, há pessoas que sequer acreditam na pandemia do COVID-19 (BBC, 2020).

Esse sentimento de descrédito com as recomendações da OMS e valorização de líderes políticos e religiosos está resultando em vítimas adicionais nos dados de mortes pela doença. No início da pandemia, na Coreia do Sul, uma igreja na cidade de Seul foi responsável pela infecção de pelo menos 50 pessoas que ignoraram as orientações da OMS (EFE, 2020). Não bastasse isso, durante a eclosão da pandemia na América do Sul em Junho/2020, um grupo de missionários evangélicos foi responsável pela aplicação de uma vacina veterinária (ivermectina veterinária) em mais de 5000 pessoas na região de Iquitos, Amazônia peruana. Por pouco não ocorreu uma tragédia coletiva. A ivermectina, cloroquina, entre outros remédios milagrosos que são difundidos

em mensagens de redes sociais estão criando a falsa sensação de segurança na população, que passa a ignorar o isolamento social e a participar de celebrações religiosas (FOWKS, 2020). Em Porto Velho/RO, por exemplo, a pressão política foi convertida na Lei Estadual nº 4.79/20, a qual estabeleceu as igrejas como atividade essencial em tempos de calamidade pública. Poucos dias após a promulgação da lei, já houve o registro de óbitos de COVID-19 entre líderes religiosos na cidade (NORTÃO, 2020), deixando as igrejas cautelosas (RONDÔNIA, 2020).

O distanciamento da comunidade científica do mundo virtual proporcionou um terreno fértil para difusão de desinformação. *Coachs*, *youtubers* e influenciadores digitais criam massas de seguidores e foram opinião com maior credibilidade junto ao público virtual que a própria OMS. Associado a eles também existe um exército de robôs de disparo em massa de notícias falsas (*fakenews*). Na discussão entre uma recomendação da OMS e um *meme* produzido por um político, grande parcela da população tem atribuído confiabilidade ao material gráfico disseminado pelo político ao invés de acreditar na orientação oficial (DALEY, 2020).

O Brasil possui mais da metade da população submetida a trabalhos informais e que não possui condições para subsistência por muito tempo. Além disso, não possui infraestrutura hospitalar suficiente para atender a população. A aplicação de testes no país é pífia. E quais foram as recomendações da OMS? Prestar assistência às pessoas que não podem trabalhar durante a pandemia, preparar a rede de assistência hospitalar ampliando o número de leitos e aplicar testes em massa na população.

O Brasil alcançou, nesta primeira quinzena de junho/20, a infeliz marca de mais de 50 mil mortes, mesmo sendo um dos que menos testam no mundo. Não bastasse isso, grandes metrópoles estão se organizando para reabertura do comércio e shoppings. Na contramão das recomendações da OMS, o país com números crescentes de contágio e mortes está caminhando para uma tragédia humanitária.

É por isso que a desinformação mata! Inicialmente, o ataque à OMS ocorreu porque ela recomendou o isolamento social, obrigando as autoridades prestarem assistência aos invisíveis da economia. Depois, porque ela não avalizou o uso da cloroquina como remédio milagroso para enfrentamento do COVID-19. Se houvesse um remédio para tratamento, não haveria impedimento

para os informais trabalharem e, com isso, a economia não deveria parar. E por último, pela exposição explícita da incapacidade do Estado em prover assistência médica para população, deixando-a desamparada sem leitos de UTI e testes para diagnóstico.

A ação deliberada de grupos políticos e econômicos nas mídias sociais para desacreditar a OMS ainda é recorrente. Os motivos são os mais mesquinhos possíveis e baseiam-se na necropolítica, para manutenção do poder político e garantia de redução de perdas financeiras reabrindo o comércio na pandemia. Nada mais eficiente que iludir a população por meio de bravatas ou vídeos editados fora de contexto disseminados pelo *Whastapp* ou *Facebook*. Todo tipo de ataque à OMS é válido para convencer os mais humildes saírem de casa para trabalhar, sem saber se serão testados caso apresentem os sintomas, ou ainda, se haverá leitos hospitalares para seu tratamento caso a doença se manifeste. Não pode haver outra fonte de informação segura e confiável senão do líder supremo e seu exército virtual de robôs.

A alienação é o outro resultado da desinformação, pois boa parte da população não acompanha mais as notícias nos meios de comunicação tradicionais, como jornais, rádio e televisão. Os grupos de *Whastapp* e *Facebook* apresentam suas versões

ficcionais da realidade onde manipulam, distorcem e atacam todos aqueles que podem oferecer alguma ameaça aos seguidores.

Conclusão

A OMS está enfrentando a pandemia do COVID-19, um vírus cuja resposta imunológica no ser humano ainda está sendo estudada (OMS, 2020). Por isso, são recorrentes as revisões nas recomendações para enfrentamento e tratamento da doença. As orientações são revisadas diariamente, de acordo com a evolução natural do conhecimento acerca da doença. Atualmente, o Brasil está observando crescimento exponencial do número de casos e mortes, não sendo recomendado pela OMS o fim do isolamento social. Por isso, a instituição está sofrendo ataques digitais, que tem por objetivo distorcer e desacreditar suas recomendações. Esses ataques são promovidos por grupos políticos e econômicos que desejam se manter no poder e, infelizmente, expor a população para evitar prejuízos com *Lockdown* das atividades comerciais.

Referências

BBC - “Brazil coronavirus: Our biggest problem is fake news’
Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-52739734> Acesso 13/06/20.

DALEY, B. The Conversation. “Coronavirus: fake news less of a problem than confusing government messages – new study”
Disponível em: <https://theconversation.com/coronavirus-fake-news-less-of-a-problem-than-confusing-government-messages-new-study-140383> Acesso 13/06/20.

EFE. Seul registra aumento nos casos de COVID-19 devido a surto em igreja. Disponível em:
<https://noticias.r7.com/saude/seul-registra-aumento-nos-casos-de-covid-19-devido-a-surto-em-igreja-17032020> Acesso em 21/06/20.

FOWKS, J. Grupo evangélico peruano injeta medicamento veterinário em milhares de pessoas para COVID-19. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-06-20/grupo-evangelico-peruano-injeta-medicamento-veterinario-em-milhares-de-pessoas-para-a-covid-19.html?ssm=whatsapp> Acesso em 21/06/20.

IBB - Instituto Butantan – Publicações Científicas Disponível em:
<http://coronavirus.butantan.gov.br/publicacoes-cientificas> Acesso
13/06/20.

NORTÃO. Igreja As Nações lamenta morte do pastor Natanael
Barreto Disponível em:

<https://www.rondoniaovivo.com/noticia/geral/2020/06/19/luto-igreja-as-nacoes-lamenta-morte-do-pastor-natanael-barreto.html>

Acesso 21/06/20

OMS – Organização Mundial da Saúde – “História da OMS”
Disponível em: <https://www.who.int/about/who-we-are/history>

Acesso 13/06/20.

OMS – Organização Mundial da Saúde – “Emergência do
COVID-19” Disponível em:

<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> Acesso 13/06/20.

ONU – Nações Unidas – “Tema Ebola”. Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/tema/ebola/> Acesso 13/06/20.

ONU – Nações Unidas – OMS agradece apoio de médicos
cubanos na luta contra o Ebola. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/oms-agradece-apoio-de-medicos->

[cubanos-na-luta-contr-o-ebola-na-africa-ocidental/](#) Acesso
13/06/20.

OPHAS - Organização Pan-americana de Saúde. “Tema –
Saneamento Básico” Disponível em:

[https://www.paho.org/bra/index.php?
option=com_joomlabook&view=topic&id=337](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_joomlabook&view=topic&id=337) Acesso 13/06/20.

PRAÇA, S. “OMS e a ciência perderam credibilidade” Disponível
em: [https://exame.com/blog/sergio-praca/oms-e-a-ciencia-
perderam-credibilidade/](https://exame.com/blog/sergio-praca/oms-e-a-ciencia-perderam-credibilidade/) Acesso 13/06/20.

RONDÔNIA. Igrejas em Porto Velho seguem cautelosas quanto à
aglomeração de pessoas e mantêm atividades on-line. Disponível
em: [http://www.rondonia.ro.gov.br/igrejas-em-porto-velho-
seguem-cautelosas-quanto-a-aglomeracao-de-pessoas-e-mantem-
atividades-on-line/](http://www.rondonia.ro.gov.br/igrejas-em-porto-velho-seguem-cautelosas-quanto-a-aglomeracao-de-pessoas-e-mantem-atividades-on-line/) Acesso em 21/06/20.